



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



CONSUMAÇÃO DUM DESEJO

Por TOUTINEGRA

Desenhos de CASTANÉ

FERNANDITA conseguira, finalmente, o que há já tanto tempo desejava: iludir a vigilância da sua boa mãezinha, e, escondida na despensa, ficar ali, todo o tempo, em que havia de estar na aula, agarrada áqueles livros com gafafunhos tão difíceis de perceber! Difícil e escusado! Para que será preciso saber lêr? Há tanta gente que vive sem nunca ter aprendido, pensava Fernandita, sentada a um cantinho, entre a talha do azeite e um saco de batatas. Ouvia, distintamente, o barulho que a criada fazia na cozinha contígua e, mais dificilmente, sua mãezinha, sempre diligente, dando ordens e fazendo recomendações.

As primeiras duas horas, foram de felicidade, a felicidade que nos dá a realização de qualquer desejo há muito tempo sonhado. Mas a impossibilidade de se mover livremente, para não fazer barulho, e algum apetite, que o bom cheiro a batatinhas fritas, vindo da cozinha, mais aguçava, começaram a tornar maçadora a sua situação.

Tinha perto de si o lanche que lhe haviam preparado para o colégio e resolveu-se a comê-lo. Lá, tê-lo-ia achado bom, mas, ali, com o cheiro a batatas fritas, de que ela tanto gostava! Depois de o comer, começou a recordar que na escola, áquele



hora, iria para o recreio, no jardim, onde brincava com tantas meninas.

Tantas e ela ali sózinha! Só, não. Niquiti, o lindo

(Continuá na pag. 5)

O FALSO FEITICEIRO

POR ACILEGRA
DESENHOS DE CASTANÉ

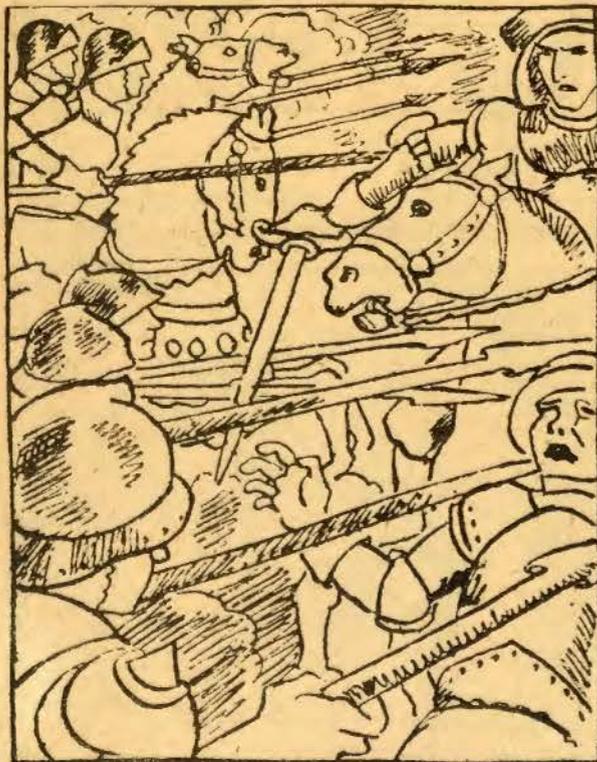
S

ESOSTRIS, o rei e grande senhor dos Domínios Novos, estava em vésperas dum combate contra o rei dos Domínios Velhos. Combate este, que só terminaria com a paz entre os dois países inimigos ou pela submissão dum deles.

Toda a flôr da cavalaria tomaria parte, neles com grande pesar das suas namoradas. Um deles, o que mais se notara pela sua bravura e pela sua audácia, era Camilo, valido do rei e noivo duma gentil aia da rainha.

Tudo êle sacrificaria por sua dona e seu rei: fortuna, bem estar, e até a própria vida.

Ainda era noite... Porém, pouco a pouco, o sol começou a despontar no horizonte, para, daí a instantes, inundar a luz dourada um vasto campo.



De repente, ao longe, quebrando o silêncio da Natureza, ouviu-se o som dum clarim, e um tropel de cavalos caminhando apressados. Eram as tropas de Sesóstris, o grande senhor dos Domínios Novos, que vinham ao encontro do inimigo. Em sentido contrário, caminhavam, também, as tropas de Raimundo, o rei dos Domínios Velhos.

Quando já estavam próximos uns dos outros pararam.

Por fim, a trombeta deu sinal de guerra, e os exércitos inimigos encontraram-se.

Foi assustadora, terrível mesmo para as hostes



de Raimundo; animada, heroica para as do rei Sesóstris. Finalmente, quando a derrota estava evidente para o rei dos Domínios Velhos, este, empunhou a bandeira da paz, parando todos de combater.

O rei Sesóstris, que era generoso, perdoou a afronta de Raimundo, depois de este prometer que não tornaria a declarar guerra.

Decorreu um mês sobre estes acontecimentos. Agora, Sesóstris, o rei e grande senhor dos Domínios Novos, estava não em vésperas dum combate, mas sim em vésperas duma grande festa que se celebraria em sua honra, e na qual tomaria parte Raimundo que se fizera seu grande amigo.

Porém Camilo, o valido fiel de Sesóstris, não via bem esta amizade que, com certeza, traria desgraça ao seu reino. Alguns dias depois, começou a festa com grande alegria dos cavaleiros e reis.

Raimundo, planeava qualquer coisa. Depois de se introduzir no reino do seu inimigo, compraria homens para matarem Sesóstris. Só assim poderia ver realizado o seu grande sonho: ser rei dos grandes Domínios Velhos e Novos.

Uma noite, quando a festa estava no seu auge, Raimundo, aproveitou a ocasião de toda a gente estar distraída e esgueirou-se por uma das portas que lhe ficava próxima.

Camilo, que não lhe tirava a vista de cima, seguiu-o até ao jardim do palácio, onde o rei se encon-



trou com três homens embuçados em longas capas negras.

— «São vocês?» — (dizia o rei).

— «Sim, majestade» — (responderam os homens fazendo uma vénia) —

— «Então, — (continuou o rei) — logo às 2 horas da manhã, quando o rei Sesóstris se encaminhar para os seus aposentos...»

— «Comprendemos» — (ataalharam os homens).

O rei em seguida voltou para o salão, enquanto os embuçados se retiravam.

Camilo, tinha ouvido tudo, sabia tudo!

Que fazer, para salvar o seu bom rei?

Teve uma idéia. Correu ao salão da festa e contou tudo á sua noiva, a Rosina. Disse-lhe ainda algumas palavras ao ouvido, e saiu correndo. Passado tempo, quando Rosina achou conveniente, foi á porta da entrada, e voltou de novo, dirigindo-se, em voz alta, a Sesóstris, para que Raimundo, que nessa ocasião se encontrava próximo, ouvisse bem:

« — Majestade; lá fóra, está um mendigo que diz ser adivinho e desejava falar convosco, distraíndo-vos ao mesmo tempo.»

Sesóstris, a princípio, mostrou-se aborrecido; mas, por fim, achando graça á tão extravagante visita, para mais já passava da meia-noite, mandou-a entrar.

Apareceu, então, um mendigo, todo sujo e esfarrapado, trazendo um bordão, ao qual se encostou dizendo:

«Soube que V. Alteza estava dando festas. Permite-me, meu rei, que lhe conte uma fábula já muito antiga, mas — (tenho a certeza) — que lhe fleará de memória para todo o sempre.»

Após um momento de silêncio, começou:

«Numa velha casa, em sítio alto, existia um ninho de ratos.

Ora, acontecia que essa ninhada ia todos os dias desaparecendo a pouco e pouco, comidos por um gatarrão grandão, que lhes fazia «esperas».

Mas, os ratinhos que eram muito espertinhos, deixaram de sair da sua tóca, e o gatarrão grandão, ia sentindo uma fome deveras assustadora.

Que fazer? Fingir-se morto!

Um ratinho, então, assomou o focinho ao buraco, dizendo:

«Bem te percebo, amigo gatarrão! Já me fizeste uma partida, e agora finges-te aquilo que não és, para nos tranquilizar. Toma sentido, gatarrão grandão! Ainda que estivesse verdadeiramente morto, eu não me atreveria a descer daqui!»

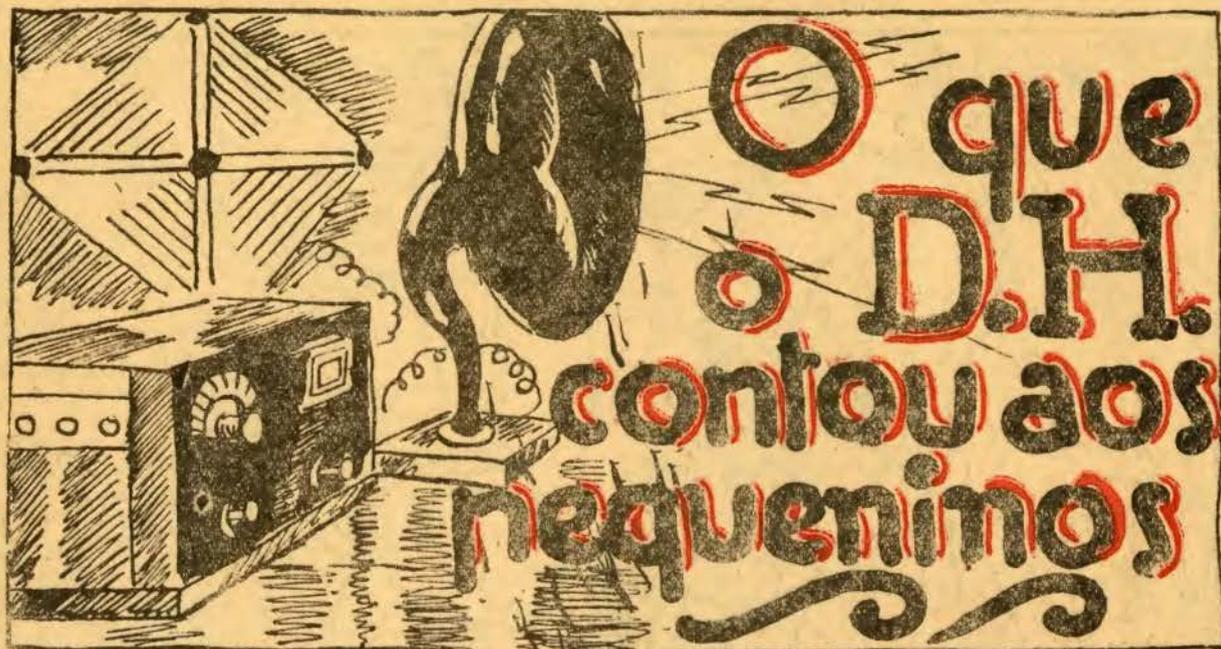
«Passados dias, o bichano morreu, realmente, de fome.»

E o mendigo, após ligeira pausa, continuou:

«No final, a fábula ensina-nos que, quando um velhaco e traidor, uma vez nos engana, é tolice fiarmo-nos, ainda, em seus embustes e trapações.»

Raimundo, estava lívido; tremia. Decerto sabiam o seu plano. Caído em si, saiu sem dizer adeus e voltando para os seus Domínios Velhos, filosofando, conscientemente exclamou: «Cada um com o seu...» Assim que Camilo se transformou na sua verdadeira pessoa, (pois era êle que vinha vestido de mendigo), contou tudo ao rei, que ficou pasmado.

Sesóstris, vendo que tinha sido salvo por tão dedicado amigo, nomeou-o conde, logo após o seu casamento com Rosina, que também entrara naquela comédia, embora o seu papel fôsse de menor importância.



Por ALEXANDRE FILIPE SETTAS
Desenhos de A. CASTAÑÉ

A história de hoje, em versos, é subordinada ao tema: desobediência.

Eu calculo que estas palavras não visam os meus simpáticos auditores porque, sendo bem educados, acatam sempre as determinações de quem tem o dever de os ensinar. Mas, como sempre é bom conhecer os defeitos alheios para confrontar com as nossas virtudes, eu devo dizer-vos que a desobediência é um dos piores sestros e que, muitíssimas vezes, determina graves consequências.

Além de essa falta de cumprimento denotar um mau princípio de educação, pelo desrespeito a quem orienta, quando a desobediência se arrega no ânimo de uma criança, toma, por fim, o carácter temível da indisciplina.

Mas para não prolongar demasiado esta árida dissertação, eu vou contar-vos já, numa história de minha autoria, o que sucedeu ao

RATINHO DESOBEDEIENTE

Amigos de pouca idade,
A história que vou contar,
Tem um fundo de verdade
Que é preciso aproveitar.

No fôrro do sobrado em que vivia,
Uma família imensa de ratinhos,
Apareceram certos buraquinhos
Onde, de quando em vez, algum surgia.

Cautelosos por norma e muito espertos,
Evitando qualquer simples rumor,
Só noite fóra iam ao seu labor,
Explorando a despensa em «raids» certos.

Queijos, batatas, massas e presuntos,
De tudo havia lá para escolher,
Pelo que, fartos, só depois de roer,
Tomavam rumo ao cóio, alegres, juntos.

Juntos não está bem, o «Trinca-Tudo»,
Despresando os conselhos paternos,
Estribado nos códigos ratais,
Era atrevido, audaz, era telhudo.



E, certa madrugada, este imprudente
Quando estava a roer um bacalhau sueco,
Ficou preso nas garras do «Tareco»
Que o imolou com ar fero, inclemente.

E, enquanto os pais, deveras compungidos,
Lamentavam a rude contingência,
Desta triste e fatal desobediência,
Soltava o pobre os últimos gemidos!

Alexandre Felipe Settas



Consumação dum desejo

(Continuado da pag. 1)

gato que a mãe lhe dera, estava, também, ali, fazendo-lhe festinhas.

Agarrou-o e começou a brincar com ele, mas tantas maldades lhe fez que o gato acabou por fugir. Fernandita ficou só novamente e, muito aborrecida, já cheia de sono, encostou a cabecita ao saco das batatas e, olhando um buraco por onde a mãe lhe disse que os ratos saíam, para comerem coisas da despensa, adormeceu...

Ah!!! Do buraco da despensa saíam, então, imensos ratos, que, rodearam Fernandita e, aos saltinhos, faziam uma guincharia ensurdecadora! Depois começaram a subir-lhe pelas sandálias, corpo acima, até ao pescoço e dando saltos, penduravam-se-lhe nas orelhas, no nariz e nos lindos caracóis. Fernanda bem queria livrar-se deles; mas qual! Não conseguia e por muito tempo a luta continuou até que Niquiti apareceu, de repente, fazendo todos os ratos irem de corrida para o buraco.

Então, Fernandita acordou. Esfregou os olhos; estava banhada em suor e doía-lhe a cabeça. O estofado do saco das batatas era demasiado duro. A seu lado Niquiti dormia, fazendo ouvir o seu rom-rom. Na casa não se ouvia barulho algum. Olhou o buraco e, recordando o horrível pesadelo que tivera, teve medo de continuar ali, medo que viesse ter com ela algum rato de verdade. Pegou no gato e saiu.

Na cozinha não estava ninguém. Na casa de costura ninguém. Já assustada, chamou pela mãe, porém, não obteve resposta. Fernandita estava só em casa! Principiou a chorar, mas vendo que nada remediava assim, começou fazendo planos. Resolveu chamar pelas vizinhas, mas não chegava, nem mesmo em cima das cadeiras, ao fecho das janelas! E se telefonasse para casa das tias? Mas como ver os

numeros na lista, se não sabia ler!... E era por não querer aprender uma coisa tão precisa, que se via em tamanha aflição. Não, nunca mais deixaria de ir à Escola...

Encostou a cabecita aos vidros da janela e assim, cheia de medo, esteve uma hora, que lhe pareceu um ano, até que ouviu a chave rodar na fechadura. Dirigiu-se para a porta por onde entravam, precipitadamente, os pais, tios, primos e irmãos, todos com caras consternadas. Quando a viram, foi um delírio; lançaram-se sobre ela e as perguntas choviam de todos os lados. Só a mãe, a sua boa mãizinha, mal a viu, se deixou cair numa cadeira e chorou, chorou muito. Tentavam animá-la mas baldadamente.

Fernandita pasmava! Quantas lágrimas e desgostos causara a sua irreflectida idéa! E, lançando-se ao pescoço da mãe, contou-lhe tudo, rogando lhe perdoassem, o que todos, generosamente, fizeram.

Fernandita é que não perdoou a si própria, mas ficou emendada. Não mais será mandriona, não deixará de ir à Escola, nem fará qualquer coisa sem medir bem as suas consequências.



NO PINHAL

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

UM rancho de meninos, num pinhal,
vã cantando, a bailar danças de roda,
alegre e linda moda,
das mil módinhas que há em Portugal!

Uma alegria douda
ecôa n'alma dos pinheiros, toda
plena de mágoa e de tristeza tal,
quando está só,
que chega a causar dó
aos passarinhos
que nêles vão pousar
ou lá depôr seus ninhos.

Meninos: — um pinhal
é tal e qual, tal qual,
uma vêlhinha-avó,

que apenas ri, cõntente, ao vêr brincar
os seus nêtinhos!

Há uma névoa nos pinhais, igual
á névoa que há nos olhõs dos avós;
sua própria resina é lacrimal
nos corcovados troncos sempre aos nós!

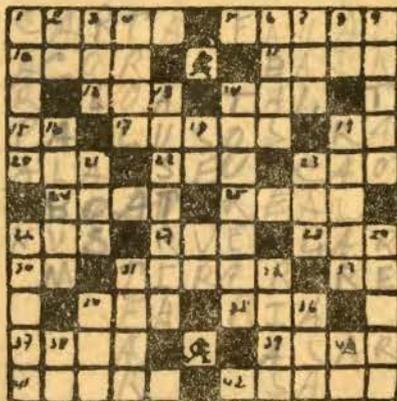
Porém, quando os meninos vão brincar
em seu regaço, o pinheiral, contente,
põe-se, também, com êles a cantar...
como hũzio dolente,
ondé murmura toda a voz do mar!

E' que a alminhá das coisas também sente
tal e qual como a gente,
e sabe, como nós, rir ou chorar!

HORA DE RECREIO

A DIVINHA

P
A
L
A
V
R
A
S



C
R
U
Z
A
D
A
S

HORIZONTALMENTE

- 1, Papel onde se escreve. 5, Plantação de favas. 10, Ave. 11, Pequeno golfo. 12, Poesia laudatória. 14, Pronome. 15, Utensilio de cosinha. 17, Marca de cigarros. 19, Batráquio. 20, Fileira. 22, Pronome. 23, Mamífero. 24, Barco em inglês. 25, De rei. 26, Sem fatos. 27, Rua em francês. 28, Casa. 30, Numeral. 31, Verbo. 33, Parte dum navio. 34, Facho. 35, Forma verbal. 37, Percepção intelectual. 39, Antónimo de sorte. 41, Nome de mulher. 42, Que foi estreado.

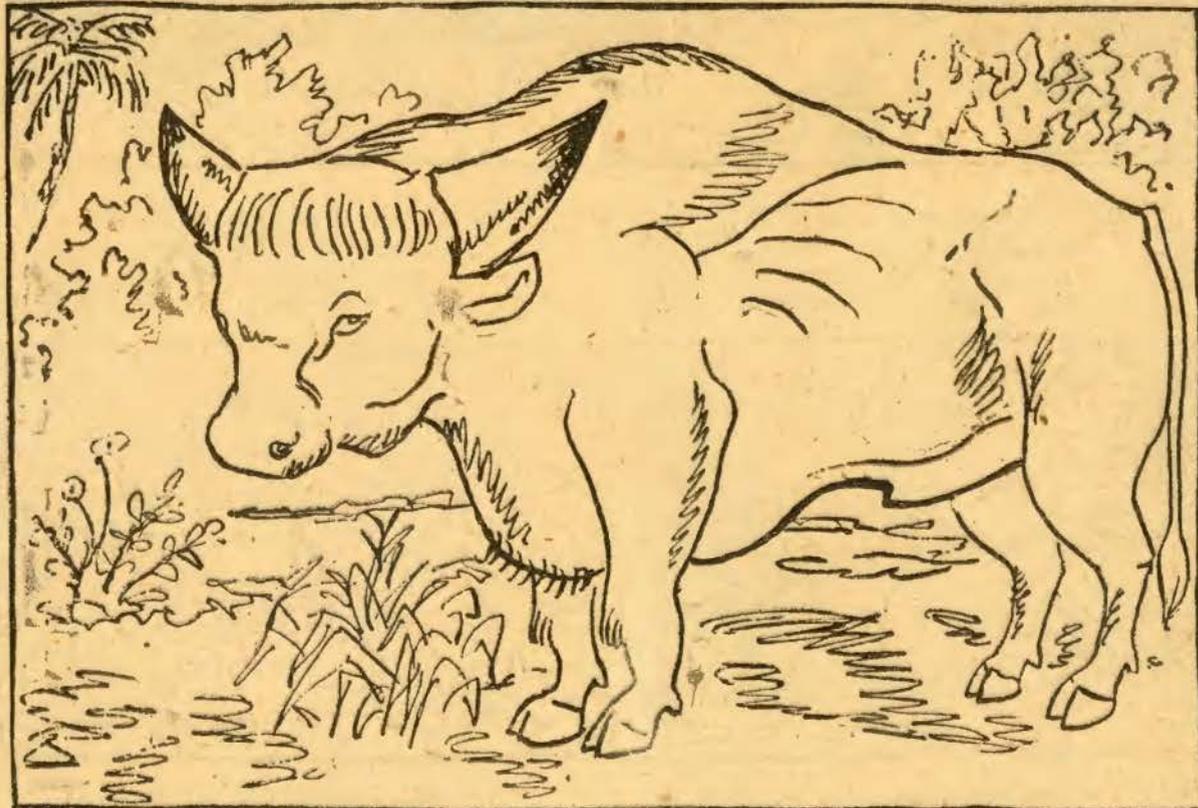
VERTICALMENTE

- 1, Peixe. 2, Marca de automóvel. 3, Livro de merceiro. 4, Do carro electrico. 6, Da casaca. 7, Terreno entre dois montes. 8, Interjeição. 9, Liga de cobre e zinco. 13, País da Europa. 14, Exercer o toureio. 16, Livro para retratos. 18, Catedral. 19, Verbo. 21, Contração de preposição a e o artigo (no plural). 23, Protóxido de cálcio. 26, Que está na idade de casar. 29, Palavra latina. 31, Máquina para tecer pano. 32, Embocaduras dos rios. 34, Pronome. 36, Das aves. 38, Forma verbal. 40, Preposição latina.



MEUS MENINOS: Vejam se descobrem onde se encontra o professor deste menino.

PARA OS MENINOS COLORIREM



O BOI de SILHET—(Bos frontalis)

NA FEIRA DO LIVRO



I — O escrivão Vaz Jeremias tem um filhinho, o Libório, com quem sai todos os dias, ao voltar do seu cartório.

II — Passando pelo Rossio, na feira, já sem tapumes, o Libório ao pai pediu que lhe comprasse uns volumes.



III — Contente por ver o culto que o filho às letras votava, três grandes obras de vulto, logo, o pai lá lhe comprava.

IV — E esfrega as mãos, de contente, dizendo com seus botões: — «O rapaz dá, certamente, num Vitor Hugo ou Camões!»



V — Mas, decorridos dois dias, de volta do seu cartório, o pobre do Jeremias vai encontrar o Libório

VI — todo entregues às mil manobras duma tesoura que, em punho, transformava as ditas obras noutras obras de alto cunho!